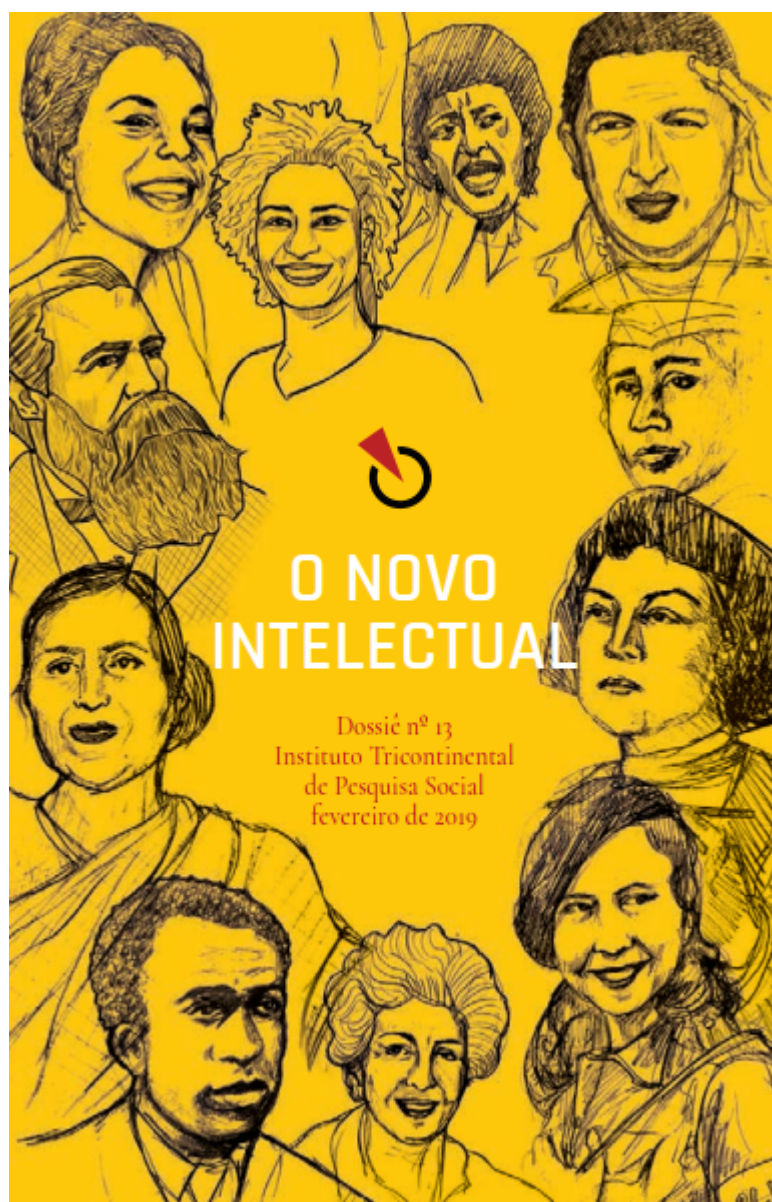


Carta Semanal 7 (2019): Guia De Expressões Do Imperialismo



18 de fevereiro de 2019

Queridos amigos e amigas,

Saudações do **Instituto Tricontinental de Pesquisa Social**.

A “comunidade internacional”, dizem eles, está unida em relação à Venezuela. Mas quem é essa “comunidade internacional”? Na última contagem, a maioria dos Estados membros das Nações Unidas – incluindo os dois países com as maiores populações (China e Índia) – se opôs à agenda de mudança de regime liderada pelos EUA para a Venezuela. No entanto, o termo “comunidade internacional” é rotineiramente utilizado para definir a realidade, para impossibilitar que se tenha uma visão contrária dos fatos. Se a “comunidade internacional” diz que o governo líbio ou venezuelano está conduzindo um genocídio, ninguém deve questionar esse julgamento. Resta apenas discutir o que fazer com a situação. As sanções devem ser ampliadas? Deve-se permitir um bombardeio? As Nações Unidas precisam santificar o ataque? Deveria a doutrina “Responsabilidade em Proteger” (R2P), da ONU, ser usada como justificativa?

O uso causal da expressão “comunidade internacional” nos levou a pensar: existem outras expressões como essa que são usadas para moldar a forma como as coisas são vistas? Quais são as palavras-chave dos poderosos? Nossa equipe apontou várias expressões desse tipo, e essa lista se tornará – eventualmente – um amplo Guia de Expressões do Imperialismo. Por enquanto, veja uma amostra do nosso Guia.



‘Comunidade Internacional’, 1911.

Comunidade Internacional (substantivo). *Um grupo de líderes mundiais poderosos que podem fazer o que querem, independentemente da lei internacional.* As Nações Unidas têm 193 estados membros, do Afeganistão ao Zimbábue. Se quatro países (digamos, Serra Leoa, Cingapura, Eslováquia e Eslovênia) realizarem uma coletiva de imprensa, nenhuma agência de comunicação vai relatar isso como uma reunião da “comunidade internacional”. Para isso, seria preciso ter a presença dos Estados Unidos, o Reino Unido, a União Europeia e o Canadá. Ninguém mais é convidado para esse clube dos herdeiros dos senhores coloniais, armados com um velho cutelo pronto para atingir coração de um país colonizado.



'Ditadura', 2018.

Ditadura (substantivo). *Um país cujo líder foi selecionado pela “comunidade internacional” como ditador.* Depois que a URSS entrou em colapso, os EUA e seus aliados buscaram novas maneiras de definir seus inimigos. O termo “comunista” havia perdido sua atualidade. Os novos termos eram “Estado vilão”, “estado terrorista” e “ditadura”. O Departamento de Estado dos EUA apressadamente pintou velhos amigos como adversários (Manuel Noriega, do Panamá, e Saddam Hussein, do Iraque). O que define um país como um “Estado vilão” ou seu líder como “ditador”? Não os fatos, pois isso levaria a alguns resultados desagradáveis – os Estados Unidos, que conduziram guerras ilegais (como na América Central na década de 1980 ou na Ásia Ocidental nos anos 2000), não deveriam ser incluídos? O fazer com a Arábia Saudita ou a Guiné Equatorial? Se um Estado é complacente com a ordem mundial liderada pelos EUA, então não é um Estado vilão nem seu líder é um ditador. Esses termos só são úteis quando a “comunidade internacional” quer derrubar um governo e colocar um fantoche em seu lugar.



'Sociedade Civil' – Abdel Hadi El-Gazzar, Mahassib al-Sayyida, 1950.

Sociedade Civil (substantivo). *Organizações dentro de um “Estado vilão” que são apoiadas financeiramente ou politicamente pela “comunidade internacional”.* Essas entidades frequentemente operam com a melhor das intenções e são vistas como úteis por aqueles que querem derrubar governos obstinados, tais como o de Aristide, no Haiti, ou o de Maduro, na Venezuela. A mídia da “comunidade internacional” pinta essas organizações como a voz autêntica do povo, diminui o papel das eleições e menospreza as organizações de massa dos pobres urbanos e rurais, que seriam ferramentas do “Estado vilão”.



Prestação de Serviço, 2018. Fawzi al-Junaidi (16 anos) detido em Hebron (Palestina).

Prestação de serviços (substantivo). *Estados dóceis que provêm o fundamental para a população a fim de evitar protestos e tumultos.* O FMI, o Banco Mundial, os bancos privados e o terceiro setor seguram as mãos dos pobres e lhes desejam sorte com um pouco de água, alguma eletricidade e um pacote de comida. “Parcerias público-privadas” (que dão contratos a empresas privadas) operam através da generosidade de “filantropos” (que não pagam impostos) para cuidar do colapso social. Temas como reforma agrária, democracia econômica, planejamento popular e tributação progressiva estão fora de questão.

**

Nosso Guia de Expressões do Imperialismo será ampliado, com termos como austeridade, responsabilidade fiscal, liberdade, confiança do investidor e encargos regulatórios. Por favor, envie-nos sugestões de termos que você acha que devem pertencer a este Guia.

Para ter uma ideia dessa linguagem ridícula, te convidamos a dar boas risadas com esse **ensaio** satírico de P. Sainath, membro sênior do **Instituto Tricontinental de Pesquisa Social**.

Onde quer que você olhe, há o abismo. Crises econômicas intratáveis, problemas sociais e ambientais sentidos profundamente atravancam o planeta que está sob perigo de catástrofes climáticas. O liberalismo estremece diante desses problemas, tendo se rendido ao capitalismo monopolista décadas atrás. Os Homens Fortes – Putin, Erdogan, Duterte, Trump, Modi – apresentaram-se como salvadores, seja nos Estados Unidos, no Brasil, nas Filipinas ou na Polônia. Novas ideias parecem difíceis de serem encontradas, particularmente as que gerem esperança no futuro. É nesse contexto que nós – do Instituto Tricontinental de Pesquisa Social – estamos trabalhando. Neste nosso 13º Dossiê, fornecemos uma breve avaliação de nossa compreensão sobre nosso trabalho, nossa participação na batalha de ideias e nosso compromisso com a produção de novos intelectuais. Esses dois assuntos – a batalha de ideias e o novo intelectual – ocupam as duas primeiras partes deste texto. A terceira parte entra em uma breve discussão sobre nosso contexto político e oferece um mapa de nossas preocupações e de nossas pesquisas. Aguardamos a sua resposta ao nosso convite para um diálogo.

Primeira página do Dossiê 13: O Novo Intelectual

Por trás do nosso Guia está a agenda do **Instituto Tricontinental de Pesquisa Social**. Trabalhamos duro no ano passado para desenvolver nossa compreensão da Batalha de Ideias, do papel do intelectual e de nossa agenda de pesquisa neste – difícil – contexto.

Nosso trabalho intelectual está resumido no *Dossiê nº 13: O Novo Intelectual*. Nos baseamos em Karl Marx e Antônio Gramsci, mas, mais do que tudo, nas lutas do povo cubano para definir sua revolução na década de 1990, e nas lutas de povos pelos três continentes que estão na batalha pela sobrevivência. Você pode baixar o dossiê **aqui**. Está disponível gratuitamente. Estamos ansiosos para que você leia, compartilhe e nos diga sua opinião. Por favor, entre em contato.



Manifestação em defesa da Revolução Bolivariana em Caracas no dia 2 de fevereiro de 2019

O epicentro dessa batalha campal está agora na Venezuela. Dois pontos breves sobre essa questão:

1. Os EUA sabem que a queda do governo bolivariano levaria a sérias dificuldades em Cuba;
2. Os EUA estão ansiosos para reencenar o que fizeram no Iraque, mas desta tomar o petróleo.

Para nos orientar, produzimos uma **lista de leitura** sobre a crise da Venezuela. Nossa pesquisadora Tanya Rawal escreveu um **artigo** sobre Ricardo Hausmann, o economista desta tentativa de golpe. Eu produzi um **relatório** sobre por que os Estados Unidos e seus aliados oligárquicos estão ansiosos por uma mudança de regime na Venezuela. Também importante, o historiador Samuel Moncada Acosta, representante permanente do governo venezuelano junto às Nações Unidas, **sugere** que o ataque à Venezuela faz parte de uma guerra mais ampla de recolonização.



Ivana Kurniawati, co-fundador do **Bintang Kecil**, *Wiji Thukul*

A foto acima, do artista indonésio Ivana, é de Wiji Thukul, nascido em 1963 em Java (Indonésia), desaparecido em 1998. Ele foi o fundador do Sanggar Suka Banjir – um projeto de artes – e um militante do Partai Rakyat Demokratik (Partido Democrático do Povo). Somos gratos a Eliza Virtri Handayani por nos dar **amostras** dos poemas de Wiji Thukul. Aqui está um deles:

Meus poemas não são poesia.

São palavras escuras.

Elas suam, empurram uma as outras para sair.

Você não pode matá-las, ainda que soque meu olho.

Você não pode matá-las, ainda que me tire de casa.

Ainda que me esfaqueie com solidão, você simplesmente não pode matá-las.

Eu paguei o preço.

Com meu tempo, minha força e minhas feridas.

Wiji Thukul é melhor conhecido por uma frase – *apenas uma palavra permanece: lutar!* Ele reconheceria pessoas como Isabel Crook (nascida em 1915), que conheci no mês passado em Pequim. Escrevi um pequeno **artigo** sobre o encontro com o lendário socialista. Imagino Wiji Thukul nos ajudando a escrever o Guia de Expressões do Imperialismo com sua inteligência e sentimento. E Isabel Crook nos encorajando com sua resiliência e sua fortaleza. Cordialmente, Vijay.

PS: Você encontrará nossos materiais em nosso site. Se você conhece alguém que gostaria de assinar esta carta semanal, informe-os que o melhor lugar é através do site otricontinental.org – onde eles podem selecionar seu idioma de preferência. Para se retirar desta lista de e-mail, informe-nos.